

## Gentilezas Caipiras – um novo conceito em programa de utilidade pública<sup>1</sup>

NAVA, Mariane<sup>2</sup>

SANTOS, Adrian Delponte dos<sup>3</sup>

SILVA, Diandra Daniela Nunes da<sup>4</sup>

Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR

### Resumo:

Esse artigo busca discutir a relevância do rádio como utilidade pública, através do programa “Gentileza Caipira”, veiculado diariamente, na década de 1960, pela Rádio Clube Pontagrossense. Respaldando-se no gênero Serviço, o programa conquistou espaço na mídia radiofônica local, valendo-se de comunicação direta com seus radiouvintes por meio de campanhas beneficentes e utilidade pública destinada, especialmente, à população rural. As personagens Comadre Daisy e Comadre Maria, mantiveram esse programa por mais de três décadas no ar. As comadres, como eram chamadas, no município de Ponta Grossa e Região dos Campos Gerais desempenhavam o papel de conselheiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio; programete; utilidade pública

### Introdução:

Para entender o papel social do rádio, a partir de década de 1960, é preciso compreender o contexto sócio-cultural-político brasileiro desse período. O início dos anos 60 foi marcado pelo conformismo da população, representado pela inocência nos temas musicais e assuntos abordados pela mídia. Este quadro se transforma na segunda metade da década, impulsionado pelo Golpe militar (1964) contra o então, Presidente da República, João Goulart.

Durante o governo militar foi imperiosa as sanções, restringindo a liberdade de pensamento e expressão do povo brasileiro. Nas rádios, a programação era acompanhada por censores com poder de veto em assuntos que denegrissem a moral da época ou a imagem do Estado. Apesar disso, o governo identificou no rádio um forte

---

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

2 Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) mariane.nava@hotmail.com

3 Graduando em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) ad\_rds@hotmail.com

4 Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) Diandra\_daniela@hotmail.com

difusor de idéias, e passou a utilizá-lo como um aliado do Estado, justamente por seu caráter popular capaz de atingir diversos públicos.

É também na década de 60 que ocorre o declínio da audiência radiofônica. Ocasionalmente pela migração da verba publicitária para a mídia televisiva. Os empresários preocupados com a perda de espaço desenvolvem estratégias para reestruturar o veículo. Uma das soluções encontradas foi o desenvolvimento de uma tecnologia portátil. Sendo assim, o rádio rompe sua marca estritamente residencial, e passa a acompanhar seus ouvintes durante sua rotina. A informação transmitida ganha mobilidade, velocidade e instantaneidade.

Nessa perspectiva, o rádio proporciona companhia, tornando-se o melhor amigo do radiouvinte. Esta relação varia de acordo com as particularidades de pessoa para pessoa, sendo assim, o rádio promove um alto nível de sociabilidade (DOMINICK, 1979). A frequência de contato com os radialistas e a inserção cotidiana do universo radiofônico possibilita aos ouvintes a aquisição de um *savoir faire*<sup>1</sup> específico, uma vez que passam a conhecer e utilizar códigos particulares do meio. Como a adequação ao ritmo e ao tempo dos conteúdos no rádio (NOGUEIRA, 2010).

Assim e devido a abrangência territorial das ondas sonoras, não restritas às capitais e centros urbanos, o rádio torna-se a principal fonte de informação<sup>5</sup> da população interiorana. Sua difusão foi facilitada devido as suas diversas características, uma delas, a linguagem. Ou seja:

O uso de uma única linguagem, a sonora, e o fato de o rádio trabalhar, no caso do ouvinte, com um único sentido, a audição. Cabe ressaltar que uma das grandes vantagens do veículo, decisiva na atribuição de seu potencial de meio de comunicação de massa mais popular e de maior abrangência, é justamente esta. Isso torna o único meio de comunicação de massa que dispensa totalmente a necessidade do público de saber ler para que a roca de mensagens com ele realmente se complete. (CÉSAR, 2005, p. 142)

Perseguido, o pressuposto teórico de Marshall McLuhan (1988) de que o meio é a mensagem, o rádio encaixa-se perfeitamente em tal afirmação, já que a informação transmitida não exige conhecimento prévio, servindo de elo entre o mundo e qualquer indivíduo. Não é a mensagem o importante, e sim a transmissão, a sensação de estar conectado ao mundo.

---

<sup>5</sup> Ou conhecimento processual, é o conhecimento de como executar alguma tarefa, através do acumulado de pensamentos. (Miranda, Silvana. Doutora em ciência da informação, 2004)

O rádio enquanto um meio de comunicação de massa que atinge indiscriminadamente a toda população brasileira, tendo como condição mínima a existência de um aparelho receptor, torna-se um *lócus* privilegiado para a produção de sentido. O rádio é, por natureza, um veículo 'sem mensagem' determinada. (CALABRE, 2002, p.28)

Nesse aspecto, Luiz André Ferreira Oliveira nos ensina:

Outra característica marcante e que impulsionou sua popularização foi o seu forte poder agregador. Eram formados grupos para acompanhar as suas irradiações, que ganhavam eficácia, quanto mais vibrantes e reais parecessem. Por isso, tornou-se um dos mais fortes instrumentos para a mobilização das massas, ao mesmo tempo em que padronizava gostos, crenças e valores (OLIVEIRA, 2006, p. 43)

### Rádios clubes

Com público em potencial, aproximadamente, um milhão de pessoas no município de Ponta Grossa e Região dos Campos Gerais (Piraí do Sul, Telêmaco Borba, Arapoti, Reserva, Prudentópolis, Irati, Imbituva, Palmeira, São João do Triunfo, Cândido de Abreu e etc). Ponta Grossa, que está localizada no centro da região. Foi por esse motivo que foi escolhida para sediar a segunda rádio do Paraná. A partir da década de 1960, quando a televisão começa a ganhar espaço, assim estando presente como forte concorrente das empresas radiofônicas, as rádios começaram a chamar a atenção do público por causa do caráter local de suas notícias, a Rádio Clube Pontagrossense possuía na época um noticiário ao meio-dia, o 'Jornal Falado', e pela manhã o 'Gentilzas Caipiras', o fato da tecnologia da época estar baseadas nas rádios, a clube era o veículo que funcionava para além de informar, passar recados úteis entre os cidadãos de Ponta Grossa e região. O jornalismo da rádio por ser feito de fatos locais era de fácil checagem e apuração:

A Rádio Clube procurava cativar seus ouvintes pela credibilidade de suas informações. Informações duvidosas não eram vinculadas em seus noticiosos. A época, de padrões rígidos, a preocupação quanto à apuração da notícia, sua veracidade e a divulgação no momento apropriado, eram fatores que definiam o modo de fazer radiojornalismo. "Jamais perder a confiança do povo", uma frase tomada como lema (WOITOWICZ, 2004 pág.6).

O início das rádios foi marcado pelo amadorismo dos idealizadores. Como havia pouca verba disponível, os donos das emissoras organizavam clubes de ouvintes e arcavam com as despesas financeiras das rádios para manter o funcionamento das transmissões. O funcionamento da Rádio Clube Pontagrossense foi autorizado pela Portaria 454, de 15 de setembro de 1.939. Porém, somente em 21 de janeiro de 1940, que foi inaugurada, juntamente, com os estúdios e transmissores instalados na Avenida Ernesto Vilela, 96, sob o prefixo de PRJ-2, Rádio Clube Pontagrossense, 1.250 Kilociclos, Ondas Médias de 240 metros e potência de 250 Watts. Seus fundadores foram Manoel Machuca e Abílio Holzman. Anos depois, a sede da emissora foi transferida à rua XV de novembro, 344.

Essa emissora era, como tantas outras, muito bem estruturada, possuindo inclusive um palco e poltronas aberto ao público. A programação ao vivo privilegiava os formatos musicais: sertanejos e gauchescos.

Com 71 anos de existência continua marcando presença no cenário pontagrossense, por ser a emissora paranaense mais antiga e em atividade.

### Programa das Comadres

*“Trabalhar no rádio antes era muito puro, não tinha vaidade, era muito gostoso.”*

Em 1956, após 14 anos da fundação da Rádio Clube Pontagrossense foi lançado por essa emissora, o programa ‘Gentileza Caipira’. Idealizado por Daisy Durski (Comadre Daisy), que, como define Comadre Maria, foi um mito da época, o programa tinha a duração de uma, a uma hora e meia. ‘Gentileza Caipira’ utilizava-se de programetes de utilidade pública.

Para o pesquisador André Barbosa Filho, o programete está:

Próximo ao gênero de entretenimento, no que diz respeito no tempo de veiculação e ao dinamismo da apresentação, este formato de serviço tem a possibilidade de aprofundar melhor os informes de apoio à população. Inserido normalmente, dentro de outros formatos, como os rádio-jornais ou programas de variedades, veicula-se aconselhamentos diversos, tais como, cuidados com a saúde, questões jurídicas, investimentos, preços, turismo, emprego, etc.(BARBOSA FILHO, 1996).

O programa entrou na grade horária para substituir o ‘Gentileza’, programa informativo-noticioso. A principal diferença estava na linguagem utilizada, que passou

a ser caipira. De segunda a sábado, os ouvintes paravam para escutar a seguinte abertura:

Ôh! de casa! Dão licença de eu chega, bom dia comadre, compadre, bom dia, criançada quem é que já levanto, quem é que já lavou o rostinho, pentearam o cabelinho, deram benção pro pai e pra mãe, já deram beijo na avó? E quero saber, quem é que tá de bico na boca, quem é que molhou o ratinho, de noite, que tava passando em baixo da cama de vocês?

“Os ouvintes diziam: Ói eu vo falar pra comadre daisy e pra comadre Maria, que tu tá chupando bico. E mães colocavam as crianças na frente do rádio, enquanto falávamos, porque acreditavam que estávamos enxergando. As crianças tiravam o bico da boca e o escondiam, colocando a mão pra trás.” Comenta comadre Maria.

Em 1964, mediante concurso é escolhida a ajudante da Comadre Daisy, que veio a ser a Comadre Maria. No decorrer do programa, Daisy faz apelo às possíveis candidatas. Cinco mulheres compareceram à audição. O teste realizado no auditório da Rádio Clube Pontagrossense, exigindo das candidatas a leitura de anúncios publicitários, comenta Maria do Amparo Fernandes Diniz (Comadre Maria):

A Daisy fez um apelo no microfone, e através de uma amiga, que era funcionária da rádio, eu resolvi me inscrever. Além de mim, apareceram também outras quatro candidatas.

Daí a gente foi no auditório da Rádio Clube. Ela nos deu vários textos de várias propagandas comerciais pra ler. Li os textos de propagandas da casa Bom Sucesso e do Hospital Bom Jesus (importantes lojas de Ponta Grossa), pra ver como me sairia. Eu li tantos livros que aprendi pontuação e entonação. Então, eu sabia falar. Não li nada atropelado. Na verdade, tem que colocar o coração naquilo que a gente tá fazendo para que dê certo.

Comadre Maria conta como foi escolhida:

Cada candidata leu de um jeito diferente. Eu li sem forçar nada. Das cinco candidatas, ela selecionou três. Eu fui a primeira a ler ao vivo ao microfone, durante o horário do programa. Nunca tinha visto um microfone na minha frente. Já a segunda, como o texto era caipira, não conseguia ler e começava a cair na gargalhada. Quando chegou a terceira candidata, o povo começou a telefonar. Nós queremos a primeira. A primeira era eu.

O programa ‘Gentilezas Caipiras’ foi considerado utilidade pública, pelo seu caráter solidário. Ele era a fonte mais acessível de informação para a população. Comadre Daisy e Comadre Maria encaravam com muita seriedade suas personagens, tornando-se líderes sociais na sociedade dos Campos Gerais.

A comunicação simples, objetiva e sem vaidade das comadres ajudava a população, mediante campanhas beneficentes. O programa fazia solicitações de remédios, pedidos de casamento (modalidade até então inédita no rádio) e atendimento de pedidos musicais.

Possuía tamanha audiência, por suprir as necessidades da população em âmbito local e imediato. Nesse contexto, Cyro César explica:

Enquanto as rádios de abrangência nacional possuíam seu jornalismo voltado a assuntos que perambulavam os centros políticos, as emissoras estaduais e locais utilizaram o jornalismo não apenas como um órgão que informasse, interagindo com seu público através da prestação de serviços (CÉSAR, 2005).

O depoimento da Comadre Maria enaltece o papel social do rádio, quando menciona:

O nosso programa era de utilidade pública. Naquele tempo não havia a comunicação que a gente tem hoje. Não tinha celular, nem telefone. Nós éramos o ‘correio’, transmitindo recados. Já que, nos povoadinhos era preciso o deslocamento até lugares maiores para que fosse possível utilizar o telefone e se comunicar com alguém mais distante.

Nas regiões próximas como Ipiranga, Imbituva, Ortigueira a audiência era total. O pessoal do interior quando estava internado no Hospital da Santa Casa, tinha como única forma comunicação, o nosso programa. Quando recebia alta, iam aos estúdios da Rádio Clube. Na rádio pediam para que avisássemos parentes. Então a gente dizia: Atenção, Ipiranga ou outra região! Estamos avisando que ‘fulano de tal’, que estava internado, já recebeu alta e está seguindo viagem e pede que vão esperá-lo no cruzo (fora do caminho do ônibus) tal dia e tal hora. Esse trabalho, eu fiz sem vaidade, porque foi um trabalho realizado com amor, dedicação e não para aparecer.

Nessa mesma linha de raciocínio, a depoente Comadre Maria frisou:

Uma história que me marcou foi a de uma mãe que não tinha comida pra dar ao filho. Eu coloquei a alma naquele pedido. Quando terminou o programa, a recepção da Rádio Clube Pontarossense estava repleta de tudo: alimentos, cobertas e dinheiro. Havia um garotinho de cinco anos. Ele ficou tão feliz quando viu tudo aquilo. Ficou louquinho, nem sabia o que fazer. Tivemos que pegar um táxi para levá-lo para casa. O menino caiu de joelhos em frente a uma imagem sacra que a mãe tinha no quarto e agradeceu as comadres e a todos que os ajudaram.

Outro fato marcado na memória da Comadre Maria e que repercutiu na mídia local, na época, foi o bebê deixado nos braços dela à porta da emissora. Era comum, mães utilizarem-se do rádio para oferecer crianças para adoção. Muito emocionada conta o episódio:

Naquela época, as mães davam os filhos. Certa vez, eu estava entrando na rádio sozinha. O programa começava às oito horas da manhã. Chegou uma mulher

desesperada, com um bebê de cinco meses nos braços, envolto em farrapos e falou que queria dar aquela criança. Eu, então, anunciei. Coloquei o meu coração naquele pedido. Tem uma mãe aqui, que não pode criar o filho. Ela quer que alguém adote a criança. A mulher que o adotou, era bem pobrezinha - uma diarista. Ela já chegou com os braços abertos e a levou. Passado muito tempo, minha filha me levou, a contra gosto, ver a troca de comandos da Guarda Mirim. Qual não foi minha surpresa, quando o capitão que estava passando o comando contou sua história. Ele era o bebê que tinha sido abandonado nas portas da rádio. Ele homenageou a mãe adotiva e a mim também. Fato que ficou registrado com uma foto no Diário da Manhã (15 de julho de 1999), afirma Comadre Maria.

O programa das Comadres criou vínculo entre elas e seus fãs. O que fica expresso nas demonstrações de carinho e reconhecimento do público. Além das homenagens e dezenas de cartas recebidas diariamente. Ao recordar-se, Comadre Maria suspira e diz:

Meu Deus do céu, eu tinha uma sacola que guardei durante muito tempo, cartas, homenagens, e músicas. Algumas pediam ervas medicinais, outras, auxílio para pessoas necessitadas. Quando terminava o programa sempre tinha alguém lá com aquilo que a outra pessoa tinha pedido.

Alguns trechos das cartas ilustram o afeto do público para com elas:

Seus recados buscam dar um pouco de alegria para quem precisa e essa vontade tão genuína que você transmite leva tanta esperança a todos – que sentimos nos dever de dizer – sejamos amigos porque assim estaremos perto de Deus.

No entanto, o seu trabalho é como uma ‘oração’ que todos nós, sem querer, fazemos coro, e nos alegra o coração. Faz muito tempo que escuto esse programa, pois à quatro décadas eu já tinha vinte anos (Trecho da carta enviada a Comadre Maria em dezembro de 1992, de Bernardo Miara).

Que seria da classe menos favorecida de sorte, se esse brilhante programa terminasse; Felizmente isso não aconteceu. Para a alegria e satisfação de seus fãs. (...) Agora, creio eu, no meu mais humilde pensar, que a rádio está completa. No seu colar de pérolas com ótimos radialistas que já são conhecidos pela sua capacidade e prestígio. Só faltava essas duas pérolas para completá-la.

A vocês Daisy e Maria desejo feliz permanência nessa Emissora e que o programa apresentado por vocês continue com a mesma audiência. Vocês são merecedoras. “Não tenho palavras para exprimir-lhes a minha alegria por saber que esse programa continua no ar (Trecho da carta de Oraides enviada em Julho de 1983).

Depois da implantação do Mobral<sup>6</sup> em Ponta Grossa, que ocorreu no ano de 1971, os programas radiofônicos foram obrigados a adotar a língua portuguesa padrão. O que implicou na mudança no modo de apresentar o programa, como explica a Comadre Maria:

Com implantação do Mobral, que era uma meta do governo para a alfabetização das pessoas, o nome do programa mudou para ‘Gentilezas’ e sua linguagem deixou de ser caipira. A gente falava ‘errado’, e com isso induzia as pessoas a falar errado também.

Após 30 anos no ar, o programa perde público, tanto pela mudança na estrutura do ‘Gentilezas’ quanto o processo de perda de audiência pela ascensão da televisão, fenômeno observado em todo o setor radiofônico. Outro motivo que levou a demissão da Comadre Maria foi devido à mudança administrativa na rádio, conforme explica:

Quando a Daisy soube que eu tinha sido mandada embora e que no meu lugar iriam colocar outra pessoa, ela resolveu se demitir também. Fui falar com a Rádio Central, porém não deu certo. Então, procurei a Rádio Difusora, onde fui recebida pelo Barros Junior, e lá trabalhei até me aposentar.

Comadre Maria relembra os bons tempos na Rádio Clube Pontagrossense, quando menciona:

Para mim, a rádio foi à forma de conquistar amizades. Ganhei salário mínimo toda vida, mas era meu dinheirinho. Recebi, durante minha carreira, muitas homenagens. Tenho, até hoje, a gostosa sensação de que eu contribuí para alguma coisa no Paraná.

As comadres, em nível de senso comum, atuaram como formadoras de opinião. O que é confirmado pela pesquisadora Karina Woitowicz.

Os formadores de opinião, através de notícias, comentários, editoriais, estavam todos os dias conversando com os ouvintes. A cidade parava para escutar a rádio. Ela era o principal centro de informações da região, por isso a Rádio Clube Pontagrossense exercia papel de liderança (WOITOWICZ, 2004 pág.5).

O programa ‘Gentilezas Caipiras’ ocupou um lugar importante na cadeia de transmissão e disseminação de informações. As locutoras se tornaram ícones de sua época, pessoas a quem a sociedade recorria, não só, para a solução de problemas cotidianos como, também, forma de obter entretenimento barato e informação segura.

---

<sup>6</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado em 1967 pelo lei nº 5079.



Elas, através do rádio, que era o difusor massivo de conteúdos, assumiram para Lazarsfeld, o papel de líderes de opinião:

Os líderes de opinião funcionavam como mediadores, entre o que era passado pelos meios de comunicação e o que era aprendido pelos indivíduos. Eles atenuavam a influência dos meios, mostrando-se mais importantes que o rádio, televisão, ou os jornais nas escolhas individuais (Lazarsfeld, 1944 pág.98).

## Referências:

BARBOSA FILHO, André. Gêneros radiofônicos- tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

CALABRE, Lia. A era do rádio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CÉSAR, Cyro. Rádio- a mídia da emoção. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

DOMINIK, Joseph R. the portable friend: peer group membership and radio usage. In: Gumpert, Garry; CATHCART, Robert. Oxford: Oxford University press 1979.

LAZARFELD, P. F; BERELSON, B. e GAUDET, H. – The peoples choice: how the voter makes up his mind in a presidential campaign, New York: University press. (1944)

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Pensamento-CULTRIX, 1988.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. Todo radialista é ouvinte: considerações sobre os papéis desempenhados no universo radiofônicos. Santa Catarina: UFSC, 2010.

OLIVEIRA, Luiz André Ferreira de. Getúlio Vargas e o desenvolvimento do rádio no país: um estudo do rádio de 1930 a 1945. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

WOITOWICZ, Karina Janz. Nas ondas da PRJ-2 – Fragmentos da história dos 64 anos na Rádio Clube ponta-grossense pelas vozes da emissora. Florianópolis, 2004.

UM POUCO DE NÓS. Disponível em: <[WWW.prj2.com.br/site/conteudo.asp?cad=110159](http://WWW.prj2.com.br/site/conteudo.asp?cad=110159)>. acesso em: 03mar.2011.

## ENTREVISTAS:

Costa, Ney. Realizada em 02 de março de 2011.

Maria do Amparo Fernandes, Diniz. Realizada em 04 de março de 2011.